

**A ciência, a comunicação institucional
e a divulgação científica em um
Centro de Pesquisa brasileiro**

*Science, institutional communication
and scientific dissemination
in a Brazilian Research Center*

Luciana Noronha
[ORCID: 0000-0001-5301-7242](https://orcid.org/0000-0001-5301-7242)

Resumo

Nesta fala de hoje, apresentarei a comunicação e divulgação científica do Sirius, o acelerador de partículas de última geração desenvolvido no Brasil, sua importância para diversas áreas de pesquisa e os desafios de comunicação enfrentados durante seu desenvolvimento. Também discutirei o papel da comunicação institucional nas instituições de pesquisa, sua influência nas políticas públicas de ciência e tecnologia, e a necessidade de promover o diálogo entre ciência e sociedade.

Palavras-chave: Sirius. Pesquisa Científica Brasileira. Comunicação Institucional. Divulgação Científica

Abstract

In today's talk, I will present the communication and scientific dissemination of Sirius, the latest generation particle accelerator developed in Brazil, its importance for various areas of research and the communication challenges faced during its development. I will also discuss the role of institutional communication in research institutions, its influence on public science and technology policies, and the need to promote dialog between science and society.

Keywords: Sirius. Brazilian Scientific Research. Institutional Communication. Science Communication.

Fiquei muito honrada, muito lisonjeada por ter sido convidada para abrir esse evento, que é tão importante para nós trazermos e levantarmos algumas discussões a respeito de divulgação científica, se inspirar, fazer contato uns com os outros, e criar ideias e novas iniciativas que vão ser motores de mudança na sociedade.

Me apresentaram rapidamente, mas eu acho que vou falar um pouquinho do que eu faço hoje. Eu sou jornalista de formação, especializada em divulgação científica, e eu estou há 10 anos atuando na comunicação do CNPEM. O CNPEM é o Centro Nacional de Pesquisa em Energia Materiais. Ele fica lá em Campinas e é a instituição de pesquisa responsável pelo projeto Sirius, que está fazendo cerca de 10 anos, desde que ele começou a se configurar como um projeto de última geração, um acelerador de última geração.

Eu estou lá desde o começo desse período e vou contar um pouco para vocês desse processo, de como foi acompanhar, do ponto de vista da comunicação, a implantação e desenvolvimento de um projeto tão grande.

Minha atuação se dá principalmente na área de divulgação do projeto Sirius, mas não somente. O CNPEM tem uma comunicação centralizada, um grupo de comunicação bem estruturado, centralizado, com estratégias bem definidas. Eu não sou responsável pelo setor de comunicação do CNPEM, a responsável é a Livia Gonçalves, mas eu acompanhei ao longo desses 10 anos o desenvolvimento do projeto Sirius.

O Sirius é o maior projeto da ciência brasileira já desenvolvido até hoje. Basicamente, para quem não conhece, eu recomendo que procure conhecer, mas acho que todo mundo já deve conhecer um pouco do que ele é. Sirius é um projeto que foi feito por centenas de pessoas. É um projeto muito grande e que demandou muito financiamento, muita parceria com o poder público, para conseguirmos angariar os recursos ao longo de toda a construção do projeto.

Portanto, é um projeto coletivo, um projeto feito por pesquisadores, engenheiros e profissionais de várias formações, principalmente brasileiros. Isso foi totalmente desenhado aqui dentro do Brasil, projetado dentro do Brasil e construído aqui também.

O Sirius é chamado de “fonte de luz síncrotron”. Ele fica em um prédio do tamanho de um estádio de futebol, tem 68 mil metros quadrados, e no centro disso tem um acelerador de partículas, é um acelerador de elétrons, que é feito para gerar radiação eletromagnética, que a gente chama de luz síncrotron. Por uma necessidade histórica, parou-se de chamar de radiação, pois causava medo e receio na população, então hoje chamamos de luz síncrotron. No fundo, é radiação eletromagnética, que se produz ali dentro do acelerador, e essa luz produzida pelos aceleradores é direcionada para as estações de pesquisa, onde a ciência, de fato, acontece.

Hoje a gente tem 10 estações de pesquisa funcionando no Sirius, mas a gente vai poder ter até 38 no futuro, cabem até 38 estações de pesquisa, que a gente chama de linhas de luz. Nessas estações, essa luz interage com os materiais, e a gente consegue ter informações de diversas ordens a respeito desses materiais, seja imagens, como imagens tomográficas, seja informações relacionadas a elementos químicos, ligações químicas, ligações eletrônicas. Cada linha de luz vai fazer uma técnica experimental diferente, e vai te dar uma informação diferente a respeito dos materiais. Então, o Sirius funciona como se fossem vários laboratórios dentro de um só. E aí, por que isso é importante?

Olhando nessa escala, micro e na escala nano, dentro dos materiais, é possível desenvolver pesquisas em muitas áreas do conhecimento. Então, desde saúde, que é o mais óbvio que estamos mais acostumados, o que se imagina logo de imediato para desenvolvimento de fármacos, entender como funcionam as doenças. Mas também acompanhar a progressão de doenças nessas escalas micro e nanométricas, nas células, nos tecidos, até a compreensão do caminho que um composto químico faz do solo até chegar à raiz de uma planta, por exemplo, e muitas outras áreas.

Então, temos a área de energia. Muitos estudos hoje, que estão sendo feitos em novas matrizes energéticas para o desenvolvimento de materiais, podem ser usados para placas de energia fotovoltaica e outras matrizes energéticas mais limpas. Enfim, o rol de aplicações do Sirius é enorme, mas, basicamente, em linhas gerais é assim que ele funciona e um pouquinho do que para que ele pode ser usado.

E em que isto se relaciona com comunicação?

Estou fazendo um prólogo, pois estou tentando relacionar tudo isso com o tema do evento, vamos falar um pouco a respeito das relações entre ciência e sociedade. Em seguida, falar um pouquinho sobre comunicação institucional, e posteriormente sobre a comunicação que é feita dentro das instituições de pesquisa e como ela pode influenciar a construção de políticas públicas na área de ciência e tecnologia. Por fim, contar um pouquinho sobre como que isso aconteceu ao longo do desenvolvimento do Sirius e alguns desafios que a gente enfrentou, e também algumas conquistas que a gente teve ao longo desse projeto.

Bom, sempre quando a gente fala de relação entre ciência, política e comunicação, que relaciona ciência e sociedade, sempre temos que lembrar da ciência enquanto uma construção social. Como qualquer atividade que é exercida por humanos, a produção do conhecimento científico também é totalmente permeada por fatores históricos, fatores ligados a contextos políticos, contextos econômicos, contextos culturais, inclusive.

Com isso, desmistificamos um pouco essa ideia da objetividade da ciência. Ela não é neutra, ela está sempre permeada de questões sociais. Apesar de buscarmos a objetividade, de termos

desenvolvido métodos para a ciência buscando objetividade, tudo o que acontece antes e depois de um experimento, de um cálculo, enfim... tudo o que acontece antes e depois dessa parte objetiva, ela é permeada o tempo todo por componentes situacionais, pelo contexto, por quem está fazendo, por quem não está fazendo, quem está ali, quem não está ali, enfim. E a ciência é um espaço de negociação e de disputa por poder, por reconhecimento, disputa por recursos financeiros, a gente sabe. E não só disputa, mas negociações também, acomodações também.

E esses embates de forças guiam também as políticas públicas e as políticas de financiamento da ciência e tecnologia. Só que, da mesma maneira como esses fatores subjetivos guiam, e fatores humanos guiam a própria ciência, a comunicação da ciência está tão imbricada que ela também sofre o tempo todo as consequências desses fatores humanos, desses fatores históricos, desse contexto.

Então, nós conhecemos as histórias. Dentro da história da divulgação científica, nós lembramos um pouco que, por exemplo, durante os anos 60, tivemos uma crise da tecnologia nuclear que começou a fazer com que, pela primeira vez, tivéssemos que pensar em comunicação da ciência, em como a ciência vai ser comunicada e, talvez, tentar levar para as pessoas a importância do que está se fazendo no âmbito científico.

E aí, durante os anos 70, 80, existia essa ideia de que esse questionamento da população a respeito da ciência se dava porque as pessoas não entendiam, de que não existia um entendimento a respeito de como funciona a ciência, do fazer científico e isso também motivou iniciativas de divulgação de ciência calcadas na educação, no letramento científico, de que você precisava ensinar as pessoas a respeito da ciência, porque, afinal de contas, se elas não estão apoiando, é porque elas não sabem como funciona, não sabem o que está acontecendo.

Com o tempo, essa ideia foi caindo. Tivemos várias crises de credibilidade na ciência, com a tragédia de Chernobyl e o acidente com o ônibus espacial da Challenger. E essas crises acabaram provocando uma virada democrática na divulgação científica. Quando os cientistas sociais começaram a se envolver, cada vez mais, com a divulgação científica, e começaram a pensar no fazer científico também sociólogos, etnólogos, isso trouxe uma ideia de que ele precisava de maior participação da população, uma participação cada vez mais efetiva nos assuntos relacionados à divulgação científica.

Mais recentemente, lá nos anos 1990, 2000, com a questão dos transgênicos e outras crises que ocorreram durante essa época também, trouxe à tona a discussão sobre a necessidade de diálogo entre a ciência e o público, antes do estabelecimento de políticas científicas. Nós sabemos que até hoje isso é uma ideia que está longe de ser o real, mas é uma discussão em que estamos imersos.

Então, percebemos que, de lá para cá, dos 50, 60 para cá, foi se criando um entendimento de que era necessária uma participação cada vez mais efetiva da população a respeito dos assuntos que tangenciam a ciência e a tecnologia, e a divulgação científica é uma das ferramentas centrais nesse processo de inclusão.

Então, essa perspectiva histórica deixa evidente essa interconexão entre ciência, comunicação e política. E como isso envolve diferentes atores? Existe o envolvimento nesses processos, tanto das instituições de pesquisa em si, da comunidade científica de uma maneira geral, os movimentos sociais, lideranças políticas, tudo isso está determinando a forma como a ciência é feita, a forma como a ciência é comunicada e como ela é percebida pela população.

E isso impacta o fazer científico em si, uma coisa está retroalimentando a outra. E só que esses espaços são todos em disputa. A narrativa sobre ciência está em disputa. Isso ficou muito evidente, ao longo dos últimos anos, nesses anos de pandemia e de governo negacionista, em termos de ciência. Nós vimos isso muito claramente. Ficou muito evidente a disputa a respeito das narrativas sobre ciência.

E dentro desse envolvimento de muitos atores, nós falamos sobre o envolvimento das instituições científicas. Eu também vou entrar um pouquinho nesse assunto. A comunicação institucional e seu papel dentro da política científica. O que acontece?

A comunicação centralizada, que acontece dentro das instituições de pesquisa, muitas vezes não é vista com a mesma importância que outras frentes de divulgação científica. Muitas vezes ela é vista como marketing ou como mera comunicação corporativa. Mas nós precisamos repensar essa ideia e expandir essa ideia de comunicação dentro das instituições científicas, para que ela acompanhe a complexidade crescente da comunicação, como ela está acontecendo hoje na sociedade.

Para isso, precisamos um pouco nos despir desta visão estreita de comunicação dentro das instituições de ciência, só como marketing, ou só como comunicação institucional. Mas o que precisa para isso acontecer? Basicamente, precisamos ampliar essa visão, ela depende de ganho de espaço e de legitimidade da divulgação científica dentro das instituições de pesquisa. Essas atividades precisam estar dentro dos planos estratégicos das instituições.

A divulgação científica precisa receber recursos, incentivo. Os próprios pesquisadores, ou profissionais que querem se vincular à divulgação científica e querem se envolver nessas frentes, estão sem incentivos. Não estamos falando de incentivos necessariamente financeiros, mas também precisamos ter formas de reconhecimento dessas atividades dentro dessas instituições de pesquisa.

Reconhecimento e recursos: basicamente o que a gente carece. Acho que mais para fortalecer as iniciativas de comunicação dentro das instituições de ciência e tecnologia. Como vantagem, podemos falar que, quando temos comunicação, uma divulgação científica institucional bem centralizada e bem estabelecida dentro de uma instituição de pesquisa, é interessante porque a gente consegue ter estratégias.

Então, conseguimos fazer com que as diferentes ações de divulgação em diferentes frentes, voltadas para diferentes públicos, esteja sempre sendo feita com um norte, olhando para um caminho que queremos traçar, e para que lado a gente está caminhando, e conseguimos uma unificação, uma homogeneização do discurso. Então, do ponto de vista institucional, você tem vantagens nesta dinâmica que fortalecem as instituições que estão por trás.

Mas da mesma maneira que você tem vantagens, você também tem limitações desta divulgação centralizada. Tem o outro lado desta moeda. Então, a divulgação científica dentro da instituição também acaba dando ênfase a assuntos que trazem maior visibilidade institucional. Então, a instituição vai ser sempre o ator preponderante ali em detrimento das pesquisas em si, das pesquisas individualizadas.

A gente faz divulgação das pesquisas o tempo inteiro, mas estamos sempre tentando colocar a instituição por trás dessas matérias, nessas ações de divulgação. Estamos sempre tentando fortalecer o gabarito, dar essa relevância para a instituição que está por trás. E isso vai ter suas vantagens e suas desvantagens. Uma dessas limitações é justamente que favorecemos mais a instituição em si do que outras esferas da produção científica.

Mas falando um pouco sobre os papéis da comunicação nas instituições de pesquisa, quais são as funções que a gente tem ao fazer comunicação dentro das organizações? Bom, primeiro, prestação de contas para a sociedade sobre o uso de recursos públicos em ciência e tecnologia. Isso é bem importante e relevante. Uma outra coisa que é fundamental é promover a participação da sociedade nas temáticas que envolvem o conhecimento científico. Isso é fundamental, porque isso promove cidadania.

A gente também tenta evidenciar a importância da ciência, dos seus métodos, das suas limitações, das suas características. Isso é uma função que a gente enxerga como muito importante dentro do contexto brasileiro, porque em vários outros lugares do mundo você não precisa provar que a ciência é importante, que ela precisa receber recursos constantemente, que você não pode cortar recursos de uma hora para outra, que você precisa ter um fluxo contínuo, que você não pode perder cérebros, porque existe um entendimento de base a respeito da importância da ciência e da importância do financiamento à ciência.

Aqui no Brasil, temos que estar o tempo inteiro lembrando isso e reforçando esse aspecto, porque, enfim, essa é a realidade com que a gente lida diariamente. Nós também precisamos e temos essa função, esse papel de manter uma relação próxima com os diferentes atores do sistema decisório de ciência e tecnologia, em diferentes instâncias, então, federal, estadual, e uma das funções da comunicação institucional em organizações de pesquisa é a manutenção dessa relação próxima. E também proteção das instituições contra a fuga de cérebros e estímulo à formação das próximas gerações de pesquisadores, tudo isso está dentro das nossas funções sociais.

No caso do projeto Sirius, que é um projeto muito grande que consome muitos recursos, que tem muita exigência de recursos para a manutenção e tudo mais, nós também temos uma função que é muito importante, que é tentar trazer esse sentimento de orgulho, mostrar que, sim, o Brasil faz ciência avançada. Eu costumo falar que o Sirius é o antídoto contra esse sentimento do cachorro vira-lata que temos.

Nós conseguimos perceber e quem conseguir visitar o projeto, quem tiver a chance de ir até lá, acredito que vai sair com essa sensação também, de que: sim, podemos fazer ciência de ponta em nível mundial, dentro do Brasil, usando os cérebros brasileiros, sem precisar importar a tecnologia de fora. Isso é uma das funções que a comunicação tenta sempre trazer. E também precisamos garantir repasses financeiros. O Sirius demanda uma verba para a manutenção das instalações, para a manutenção do seu recurso de pesquisa, para a manutenção do seu corpo de pesquisa, de engenheiros e de funcionários.

Então, a gente tem essa função primordial também de proteger um projeto desse tamanho de flutuações políticas, flutuações econômicas e, até mesmo, flutuações sociais. E precisamos também garantir verba para a manutenção e democratizar. Hoje é uma função importante: democratizar o uso das instalações científicas.

Isso porque, acho que não falei disso, mas vou entrar um pouco nesse assunto. O CNPEM, de maneira geral, oferece instalações abertas de pesquisa para a comunidade científica e tecnológica. Então, o que acontece lá dentro do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais não é só pesquisa interna, mas, principalmente, a gente fornece instalações de ponta para que os pesquisadores do Brasil e do mundo possam ir até lá para usar as nossas facilities científicas, as nossas instrumentações avançadas, que são avançadas em nível mundial.

Então, temos quatro laboratórios lá, temos um laboratório de nanotecnologia que tem um parque de microscópios de ponta. Vários tipos de microscopias são oferecidos lá. Temos um laboratório de biorrenováveis que trabalha com desenvolvimento de biomateriais, bioenergia, biocombustíveis, e em várias outras frentes, usando materiais renováveis. Nós temos também um laboratório de biociências, onde oferecemos instalações científicas e fazemos muita pesquisa

em saúde, no entendimento de doenças, desenvolvimento de fármacos a partir de compostos da biodiversidade brasileira. E, por fim, temos o laboratório de luz síncrotron, que é o responsável pela operação do Sirius. E temos a Ilum, que é uma faculdade de ciência que a gente abriu recentemente, não sei se vocês já ouviram falar, mas tem uma proposta também diferenciada de ensino.

O CNPEM é uma Organização Social. Não somos vinculados diretamente ao governo. Recebemos financiamento público via Ministério da Ciência e Tecnologia. É uma organização social, funciona como uma empresa privada, mas sem fins lucrativos. Tudo o que existe de captação de recursos, de captação ou de geração de recursos internamente tem que ser reinvestida lá dentro. Nesse sentido, temos várias frentes de atuação, das quais uma delas é oferecer instalações científicas, instalações de ponta para a comunidade científica.

Uma das funções da comunicação é ajudar a promover a democratização dessas instalações. Hoje, estamos vendo essa função como muito necessária lá dentro. Agora que o Sirius está começando a fazer pesquisas, as linhas de luz estão se abrindo, estão se tornando disponíveis para a comunidade científica, essa é uma função estratégica da comunicação também.

No CNPEM, o Sirius não é o primeiro acelerador de partículas, o primeiro acelerador de elétrons desse tipo que foi construído no Brasil. Ele é o segundo, não sei se vocês conhecem um pouquinho dessa história. O UVX é o primeiro acelerador que foi construído de 1987 a 1987. Ele é o primeiro projeto de Big Science brasileiro. Então, ao longo de todos esses 10 anos, dentro de um contexto de hiperinflação, crises econômicas e tudo mais, os pesquisadores brasileiros conseguiram desenvolver essa infraestrutura e abrir para a comunidade científica, ela operou até 2019. E o UVX teve, entre todos os benefícios que ele trouxe para a comunidade científica em termos de produção científica, ele também conseguiu elevar o patamar de financiamento em ciência, porque não havia esse tipo de financiamento.

Ele começou a ser construído em 1985 para 1987, mais ou menos, isso aconteceu junto com a própria criação do Ministério da Ciência e Tecnologia. E você não tinha grandes iniciativas de financiamento à ciência, e o próprio projeto desse primeiro acelerador, ele elevou esse patamar de financiamento. E hoje, o Sirius é um dos equipamentos mais modernos do mundo inteiro, ele é um síncrotron de última geração, de quarta geração, a gente só tem dois compatíveis com ele, em termos de nível tecnológico, hoje funcionando no mundo, um deles está na França e serve a toda a comunidade europeia, é o ESRF, e o outro está na Suécia e serve à comunidade do país, principalmente, e temos o Sirius aqui no Brasil.

De fato, ele é um projeto de alta complexidade e que é motivo de orgulho para a comunidade científica do país como um todo. Dentro desse histórico todo, qual foi a importância da divulgação científica ao longo desse processo?

Nós sempre tivemos um trabalho unificado, ninguém faz nada sozinho dentro da comunicação, é um trabalho de muitas mãos e é difícil separar até onde foi o sucesso do projeto como um todo e da comunicação ao longo desse processo, do desenvolvimento do projeto. Porém existe o entendimento de que a comunicação teve um papel estratégico que foi importante para o sucesso desde o momento da sua construção.

Então, nesses 10 anos, a comunicação do projeto Sirius ganhou em complexidade, nós ganhamos em estratégia, em importância dentro da instituição como um todo, e existe essa percepção de que uma estratégia de comunicação unificada deu força ao projeto como um todo e também ao CNPEM, como instituição que está por trás.

Tivemos, ao longo desse processo, ações de comunicação que buscaram destacar a importância do projeto para a opinião pública e para os tomadores de decisão, mas não apenas, e a gente mirou em vários públicos, no poder público, financiadores em geral, comunidade científica, empresas, parceiros, professores, estudantes, e a opinião pública de uma maneira mais geral.

Quando falamos em poder público e financiador, a primeira grande ação de comunicação que fizemos foi a criação de um livro que tentou trazer confiabilidade ao projeto, mostrar que tínhamos uma equipe que estava sabendo o que estava fazendo, uma equipe que tinha um planejamento sério, e isso foi muito importante. Então, esta ação de comunicação foi um pontapé inicial muito importante para que conseguíssemos tirar o Sirius do papel e, de fato, conseguir angariar recursos para que ele passasse a ser construído.

Ao longo dos governos anteriores, em dez anos, tivemos muitos desafios. Um deles foi, claro, durante esses últimos anos de governo, em que tivemos que fazer ações para a manutenção do financiamento ao projeto buscando canais de diálogo com o governo. Foi um desafio grande manter esses canais abertos com todas as restrições que tínhamos e, no contexto que havia, foi uma balança difícil entre essa manutenção de diálogo e a manutenção da reputação da instituição. E neste contexto, houve várias dificuldades, foi super desafiador.

E hoje temos esta intenção de democratizar. Hoje, uma estratégia dentro do projeto Sirius é a democratizar o acesso, como eu falei. Nós tentamos atrair pesquisadores, usuários de fora do eixo Rio-São Paulo. Isto tentando divulgar as instalações científicas para outras regiões do país, principalmente.

Tentamos também divulgar o potencial do uso do Sirius para outras áreas que não conhecem o projeto ainda, ou que não exploram ainda seu máximo, como ciências do solo, arqueologia, é possível fazer estudo de obras de arte, há muitas áreas que ainda têm muito campo de abertura para a gente divulgar.

Ainda há outros desafios que estão pela frente. Não sei se vocês ouviram falar, mas temos o desafio do projeto Orion, que é um complexo de laboratórios, que tem laboratórios de máxima contenção biológica, e que a gente vai ter este complexo de laboratórios pela primeira vez no mundo ligado a um acelerador de partículas como o Sirius.

E temos muitas frentes também para públicos não acadêmicos. Começamos a promover em 2019, com um envolvimento bastante forte da comunicação do CNPEM, e com o apoio da Sociedade Brasileira de Física. Criamos a ESPEN, que é a Escola SÍrios para Professores de Ensino Médio. É uma iniciativa que está sendo muito interessante para atrair a comunidade de estudantes e professores, para que conheçam o Sirius, para que eles se tornem multiplicadores. E hoje a ideia é expandir cada vez mais essa iniciativa e aperfeiçoar sua didática.

Além disso, organizamos o Ciência Aberta também. Aqui no evento há algumas pessoas que foram no último Ciência Aberta. E é uma das iniciativas que tem sido um sucesso para atrair públicos, para que conheçam o projeto Sirius e para que conheçam o CNPEM de maneira geral. Neste evento, abrimos as portas do CNPEM em um sábado, com a realização de visitas e atividades gratuitas organizadas pelos próprios pesquisadores. Tivemos a participação de mais de 800 voluntários envolvidos nessa iniciativa e um público de cerca de 16 mil pessoas nas duas últimas edições (2022 e 2023).

Essa é uma iniciativa que foi crescendo com o passar do tempo, e que tem sido um grande sucesso. E hoje, percebemos que o Ciência Aberta tem algumas limitações. Por estarmos dentro de uma região que é ali, Barão Geraldo - Campinas, de uma região um pouco mais rica, acabamos tendo uma carência de trazer a população de outras realidades socioeconômicas para que consigam ter contato com este ambiente científico.

E foi com esse mote que criamos e desenvolvemos, em 2022, uma ação itinerante: a Cápsula da Ciência. A Cápsula da Ciência foi uma ação itinerante em um domo. Não é um domo gigante como esse que estamos aqui dentro. É um domo pequenininho. Ele tem 95 metros quadrados, portanto um domo de 11 metros de diâmetro, mais ou menos. Foi um domo que contratamos para rodar o país, levando uma experiência imersiva para estudantes, principalmente estudantes de ensino médio, ao redor do país. Essa iniciativa rodou sete cidades do Brasil. Começamos em Santa Catarina, fomos para Gaspar. Depois, paramos em Campinas durante a Semana Municipal de Ciência e Tecnologia. Fomos para Guarapari, no Espírito Santo; para o interior de Sergipe, em Lagarto; Quixeramobim, no interior de Ceará, depois Brasília e, por fim, Manaus. Em Manaus, infelizmente, não conseguimos operar porque uma árvore amazônica caiu em cima do nosso domo, destruiu o nosso domo. E queremos voltar para Manaus, precisamos de um novo esforço para conseguir levar a cápsula da ciência pra lá, mas acreditamos que levaremos.

Enfim, foi uma ação muito bonita, que foi muito transformadora para todo mundo que esteve envolvido na cápsula da ciência.

A premissa que tínhamos era de fazer uma ação itinerante que conseguisse atingir os interiores do Brasil, cidades interioranas que não tinham condição de ter contato com essa realidade da tecnologia de ponta, da ciência de ponta que se faz no CNPEM, a não ser indo até eles, então conseguimos colocar isso na prática. Rodamos 9 mil quilômetros e atingimos por volta de 14 mil estudantes e população em geral.

Em algumas cidades, a cápsula da ciência se tornou a maior atração da cidade e foi muito emocionante ver pessoas que nunca tinham, às vezes, entrado num cinema, conseguindo pela primeira vez. A primeira experiência com o cinema que essas pessoas tiveram foi dentro de um cinema 360, imersivo, falando sobre ciência e falando sobre a importância de olhar para dentro da escala micrométrica e nanométrica para resolver problemas práticos que vão impactar na nossa vida e no nosso futuro, em várias áreas do conhecimento. Então foi uma experiência muito emocionante para todo mundo que teve envolvido, inclusive para quem estava trabalhando, para montar e desmontar e rodar esses 9 mil quilômetros.

Nós ainda temos muitos desafios pela frente nos quais estamos trabalhando para tentar expandir a comunicação científica e institucional que acontece dentro do CNPEM para públicos cada vez mais diversos, tentando incluir cada vez mais perfis diferentes.

Acho que é isso. Eu já estourei meu tempo. Muito obrigada pela atenção!

Sobre a autora

Luciana Noronha

Especialista em Comunicação no Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais – CNPEM

e-mail: luciananoronha@cnpem.br